

# O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar

## The road to Alcácer Quibir: planning, marching and fighting, or the dynamics of the military form

*Luis Filipe Guerreiro da Costa e Sousa\**

Universidade Nova de Lisboa (CHAM, FCSH)

### Resumo

Pretende-se enquadrar a batalha de Alcácer Quibir no contexto da arte militar quinhentista: 1) destacar as componentes do processo conceptual e prática operacional, apontando alguns pontos de contacto com o processo de concepção arquitectónico; 2) analisar a problemática que envolveu o planeamento da formatura, a sua relação com a organização da coluna de marcha do exército, e a respectiva transposição para a ordem de batalha definitiva.

### Palavras chave

D. Sebastião, Alcácer Quibir, Arte militar quinhentista, Terços, Esquadrões.

### Abstract

It is intended to analyse the battle of Alcácer Quibir in the context of 16th century military art, in regard with the following items: 1) highlight the components of the conceptual process and operational practices, pointing out some points of

---

\* Investigador integrado. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Av. de Berna, 26, Edifício ID -1069-061, Lisboa - Portugal. Correo electrónico: costaesousa.luis@gmail.com

contact with the process of architectural design; 2) to analyze the planning of the order of battle design, its relation with the organization of the marching column, and its transposition to the final battle array.

### Keywords

D. Sebastião, Alcácer Quibir, Renaissance Art of War, Terços, Esquadrões.

*“Em arquitectura, o programa de um edifício, a sua transformação na ideia de um projecto, os requisitos decorrentes das necessidades que o edifício deve satisfazer, assim como os símbolos que deve exprimir – todos estes factores impedem que o processo de ordenação evolua para uma maior simplicidade, simetria, regularidade, etc.”<sup>1</sup>*

Durante o Renascimento de Quatrocentos e Quinhentos, o campo de batalha foi o lugar privilegiado onde se experimentaram novas tecnologias, das quais se destacam todas as ciências associadas com o desenvolvimento da pirobalística. Desenvolveu-se a escrita teórica, que aprofundou um vocabulário especializado. Mas tratou-se também de um complexo fenómeno visual. A organização do exércitos envolveu a utilização de alguns dos princípios de composição utilizados na arquitectura, como as relações de simetria e proporção, e de técnicas de concepção e representação gráfica das Artes visuais. Tal como na arquitectura, a transposição das propostas teóricas para a realidade operacional consistia num processo dinâmico que podemos sistematizar em três fases distintas: o planeamento prévio da disposição dos soldados, a organização da ordem da marcha do exército, e a construção do dispositivo definitivo de batalha.

A profusão documental que subsiste sobre a batalha de Alcácer Quibir, em especial no que respeita aos textos escritos em primeira mão, permite reconstituir com alguma certeza e detalhe, a forma como se organizou o exército de D. Sebastião. A análise comparada dos vários relatos presenciais revela um aspecto particularmente interessante: existiu uma diferença substancial entre o dispositivo planeado no conselho de guerra de finais de Julho, e a ordem de batalha efectivamente adoptada para combater no dia 4 de Agosto. Ter prova factual da articulação entre o planeamento e a prática no campo de batalha é um dado especialmente significativo, e que só em época mais tardia é possível descortinar.

<sup>1</sup> ARNHEIM, *A Dinâmica da Forma Arquitectónica*, pp. 138-139.

Tabela 1.

Relações presenciais da batalha de Alcácer Quibir

<b>Autor</b>	<b>Data publicação</b>	<b>Título abreviado</b>	<b>Suporte</b>
Frei Luís Nietto	1578	<i>Relación de las guerras de Berberia</i>	Manuscrito
	1579	Edição francês	Impresso
	1580	Edição latim	Impresso
D. Duarte de Meneses?	c.1578	<i>Relacion...</i>	Manuscrito
Médico do <i>xarife</i>	c.1578	<i>Lettre du medecin juif...</i>	Manuscrito
Anónimo espanhol	c.1578	<i>Relacion de una carta...</i>	Manuscrito
Anónimo italiano	c.1578	<i>Relacion</i>	Manuscrito
Simão da Cunha	c.1578	<i>Relação</i>	Manuscrito
Anónimo	c.1578	<i>Notas na relação de Simão da Cunha</i>	Manuscrito
Filippo Terzi	1579	Cartas	Manuscrito
Luís de Oxeda	c.1582-86	<i>Comentario...</i>	Manuscrito
Bernardo da Cruz	c.1580	<i>Chronica de D. Sebastião</i>	Manuscrito
Góis Loureiro atr.	c.1588-95	<i>Jornada d'el-rei D. Sebastião...</i>	Manuscrito
Anónimo	Séc. XVI	<i>Crónica do Xarife...</i>	Manuscrito
Anónimo <i>africano</i>	Séc. XVI	<i>Jornada de África del rey...</i>	Manuscrito
Jerónimo Mendonça	1607	<i>Jornada de África</i>	Impresso
Miguel Leitão Andrada	1629	<i>Miscellanea</i>	Impresso

É raro conseguir dados objectivos que permitam uma comparação entre os dispositivos tácticos planeados com a forma com que as tropas efectivamente combateram. A ordem de marcha do exército espanhol, provavelmente na batalha de Mook, foi descrita por Francisco de Valdés<sup>2</sup>. A disposição das forças isabelinas na parada de Tilbury (Agosto de 1588) está também documentada com um desenho precioso existente no National Archives, Public Record Office. O caso mais notável sobre o qual dispomos de informação detalhada, tanto no suporte escrito como gráfico, é a sequência de desenhos com as ordens de batalha dos exércitos sueco e imperiais durante a campanha de Lützen (1632).

O efectivo do exército de D. Sebastião encontra-se descrito com razoável detalhe e de maneira quase unânime pelos vários cronistas presenciais (tabela 1). O contingente consistia em sete “*terços*”, três de soldados mercenários, a tropa que hoje se poderia designar de choque, e outros quatro de soldados levantados em várias comarcas do reino.

2 VALDÉS, *Espejo y Disciplina Militar*, 44.

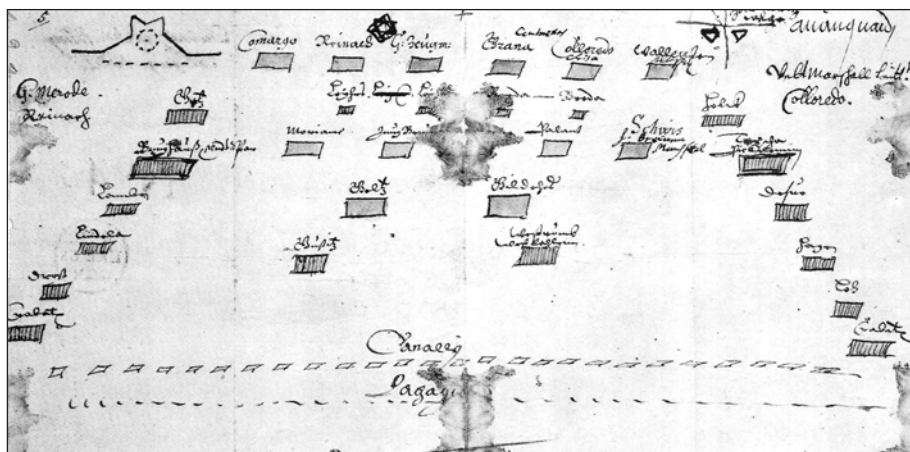


Figura 1.

Ordem de batalha imperial em Weissenfels, ©Heeres Museum, Viena.

Tabela 2.

Os “terços” de Alcácer Quibir

“Terços”	Coronéis	Nº Companhias	Efectivo
Aventureiros	Álvaro Pires de Távora	?	1.400
Espanhóis	D. Alonso Aguilar	8-11	1.600
“Tudescos”	Martim de Tanenberg	12	2.700
Italianos	Thomas Stuckeley	3-4	600
Soldados de Tânger	Alexandre Moreira	?	600?
Ordenanças	Francisco da Silveira	12	2.000
Ordenanças	Diogo Lopes de Sequeira	12	2.000
Ordenanças	D. Miguel de Noronha	12	2.000
Ordenanças Alentejo e Algarve	Francisco de Távora	12	2.000

Um dado ausente de todas as relações da batalha escritas pelos seus veteranos, diz respeito à existência de um plano inicial – um projecto – para utilizar uma linguagem arquitectónica. Este plano foi, muito provavelmente, gizado no decurso de um conselho de guerra que terá tido lugar em Arzila<sup>3</sup>. Foi então decidido que os três “terços” com as tropas mais escolhidas deveriam formar em dois “esquadrões”; os restantes quatro,

3 SILVA, *Carta de 27 de Julho 1578*, Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, tomo XL, p. 83.

constituídos pelos soldados Portugueses levantados no Reino, formariam outros dois “*esquadrões*”. A diferença entre a forma planeada e a configuração com que o exército combateu no dia 4 de Agosto, resultou em discrepâncias de pormenor entre as descrições escritas pelos veteranos da batalha, em especial no que respeita à configuração da forma do exército<sup>4</sup>.

A formatura planeada teria assim uma forma quadrangular, próxima da geometria de um quadrado perfeito. A formatura quadrangular encontra-se referenciada na generalidade tratadística militar quinhentista, como por exemplo, numa gravura do tratado de Domenico Mora publicado em 1570. Francisco de Valdés considerava o “*esquadrão quadrado*” como o “*mais proporcionado, com igual fortaleza na vanguarda e retaguarda*”<sup>5</sup>, e defendia ser este o mais indicado para resistir ao ataque de um inimigo com um efectivo de cavalaria superior. Esta era a situação mais comum no Norte de África, e em operações militares como a expedição espanhola a Orão em 1509, ou na conquista de Azamor em 1513, os soldados foram de facto organizados em dispositivos quadrangulares<sup>6</sup>.

A configuração geométrica de uma formatura militar estruturava-se em função de uma malha reticulada de traçado ortogonal. Cada recícula era preenchida com um soldado, e obedecia a uma métrica rígida. Esta métrica era determinada não só pelo espaço físico ocupado por cada homem, mas também pelo espaço necessário para o soldado manusear a sua arma. Colocar os soldados em posição no terreno, fosse para batalha ou em parada, designava-se por “*ordenar o esquadrão*”. No dia da batalha de Alcácer Quibir, a organização da cavalaria ficou a cargo do próprio rei, que também assumiu pessoalmente o comando de “*400 homens de armas e 200 ginetes*”<sup>7</sup>: estes 600 homens foram distribuídos da seguinte forma: “*25 fileiras de 24 em fileira, com que ficava em forma quase quadrada*”<sup>8</sup>.

Esta tipologia quadrangular, “*quase quadrada*”, era designada na época como “*esquadrão quadro de gente*”. O método corrente para “*ordenar um esquadrão*”, descrito na maioria dos manuais militares da época

4 Uma das discrepâncias mais gritantes encontra-se na relação de Conestaggio, que descreve uma ordem de batalha triangular (CONESTAGGIO, *Dell'Unione del regno di Portogallo alla Corona de Castiglia*).

5 Francisco de VALDÉS, *Espejo y Disciplina Militar*, p. 40.

6 V. SOUSA, “Revisitar a batalha de Alcácer Quibir”, pp. 111-159.

7 ANÓNIMO, *Jornada de África del Rey D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*, p. 26.

8 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e D'El-Rei D. Sebastião*, p. 184.

ca<sup>9</sup>, obrigava à extracção da raiz quadrada ao efectivo total disponível: o resultado da operação indicava o número de soldados a colocar em cada fileira e o total de fileiras da formatura. A raiz quadrada de 600, o efectivo do “*batalhão*” comandado por D. Sebastião, é 24. Os seus 600 cavaleiros repartiram-se por 24 fileiras, cada uma com 24 homens. A estas 24 acrescentou-se uma 25<sup>a</sup> fileira, com o quantitativo resultante das “*sobras*” da operação aritmética: 24 cavaleiros de cada fileira, multiplicados por 24 fileiras totalizam 576 homens; subtraídos aos 600 disponíveis, restam 24, ou seja, uma fileira completa.

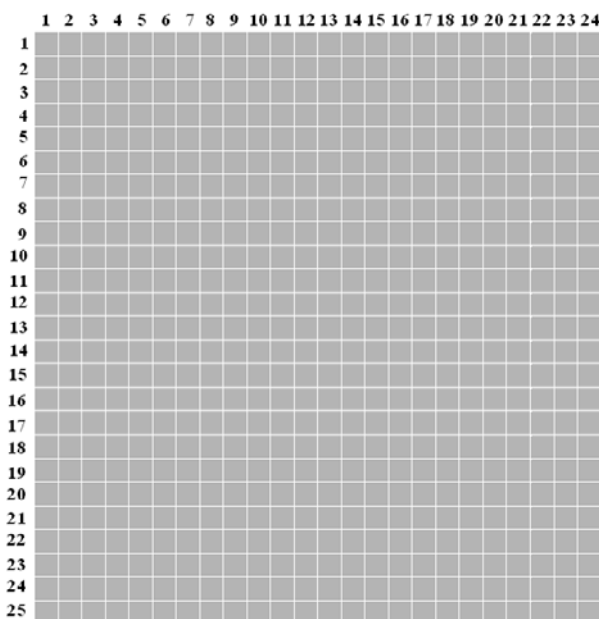


Figura 3.

**A configuração geométrica do “batalhão do rei”**

*“Quem manda quer se faça um esquadrão quadro de gente”*<sup>10</sup>

*“Para isso tiro a raiz quadrada do dito número”:  $\sqrt{600} = 24$  e sobram 24; “o número que for tantos soldados terá o tal esquadrão por frente e outros tantos por fundo”*<sup>11</sup>; 24 homens em 24 fileiras, acrescentando uma 25<sup>a</sup> com as sobras das operações aritméticas.

9 Della Valle, Cataneo, Valdés, Afonso de Melo, Alava y Viamont e Vasconcelos, já mencionados, mas também Matheo Giovanni Cicoogna (1567), Luís Gutiérrez de la Veja (1569), Juan de Carrión Pardo (1595) e Luís Álvaro Seco (1597).

10 SECO, “Anotações ao quarto livro das instruções militares de Isidoro de Almeida”, pp. 205-229.

11 *Ibidem*, p. 213.

O exército português seguiu por terra em direcção ao objectivo oficial da expedição. O território era potencialmente hostil, portanto tornava-se necessário delinear um dispositivo que facilitasse a construção da formatura definitiva no mais breve espaço de tempo possível. Conhecem-se os métodos de organizar a formatura do exército a partir da coluna de marcha. Podia-se desenhar “no chão o espaço que lhe parece [ao sargento-mor]”<sup>12</sup>, para depois aí dispor “de soldados a tantos por fileira como no espaço cabem”<sup>13</sup>. Contudo, o método mais vulgarizado era outro, designado por “redobrar fileiras”:

*“Es hacer redoblar las filas, y este es que la segunda entre la primera, y la cuarta entre la tercera, y la sexta en la quinta; y assí sucesive hasta tanto que donde el las eran ciento a cinco por fila, queden en cincuenta filas a diez hombres por fila.”*<sup>14</sup>

Este método foi descrito por vários autores como Batista della Valle (1521) Girolamo Cataneo (1563), Francisco de Valdés (1578), Martim Afonso de Melo (c.1567?), Diego de Alava y Viamont (1590) ou Luís Mendes de Vasconcelos (1598-1612), citando apenas alguns dos tratadistas mais significativos.

A coluna de marcha foi organizada em três linhas: *vanguarda*, *batalha* e *retaguarda*. Durante a semana que durou a movimentação dos mais de 20.000 homens do exército sebástico, a posição dos sete “terços” alternou-se em cada linha; na frente seguia a artilharia, precedida pelos cavaleiros de Tânger; e, mais à frente, seguiam outros 100 cavalos em exploração. No meio estava a bagagem e o grosso da cavalaria, que contava com um número substancial de “acobertados” – cavalaria pesada – repartidos pelos dois flancos.

O ponto de partida para reconstruir a configuração da forma dos “esquadrões” do exército de D. Sebastião encontra-se, novamente, na tratadística. Segundo Luís Mendes de Vasconcelos, um “esquadrão” de cavalos deveria ter “a mesma proporção” – a forma, entenda-se – “que o esquadrão

12 Era ao sargento-mor, um dos postos mais elevados da hierarquia militar da época, que competiam as difíceis tarefas de organizar as formaturas no campo de batalha. Para mais detalhes sobre a problemática dos “cargos militares”, tema caro da tratadística da segunda metade do século XVI e início do século XVII, v. SOUSA, *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, pp. 423-433.

13 VASCONCELOS, *Arte Militar*, p. 136.

14 SALAZAR, *Tratado de Re Militari*, p. 143.

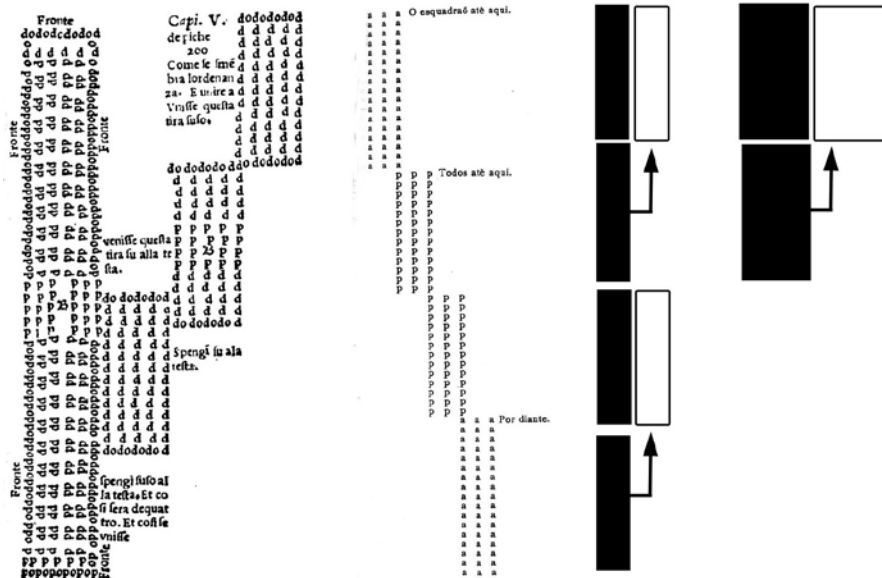


Figura 4.

“Dobrar fileiras”, Battista della Valle (1521) e Martim Afonso de Melo (c.1567)

*de piques, & arcabuzeiros*<sup>15</sup>. Naturalmente que o contrário era também verdade. Isto é, podemos extrapolar a forma quadrada a partir da configuração do “*batalhão de cavalos*” do rei, tal como descrito pelo cronista anónimo da *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e D’El-Rei D. Sebastião*.

O método utilizado para construir a formatura de batalha corresponderia, grosso modo, ao método de “*redobrar as fileiras*” que referimos atrás. A formatura de marcha tripartida seria convertida num dispositivo quadrangular, a duas linhas.

Esta suposição é confirmada pelo relato do primeiro confronto formal entre os dois exércitos, que teve lugar a 3 de Agosto, na véspera da batalha. Do lado sádida, tratou-se aparentemente de uma acção meramente exploratória destinada, eventualmente, a sondar o adversário. Para os portugueses foi a oportunidade de testar a capacidade militar das tropas, em especial dos soldados recrutados no Reino. De alguma forma, tratou-se de um ensaio geral para a batalha que teria lugar no dia seguinte.

15 VASCONCELOS, *Arte militar*, p. 156.



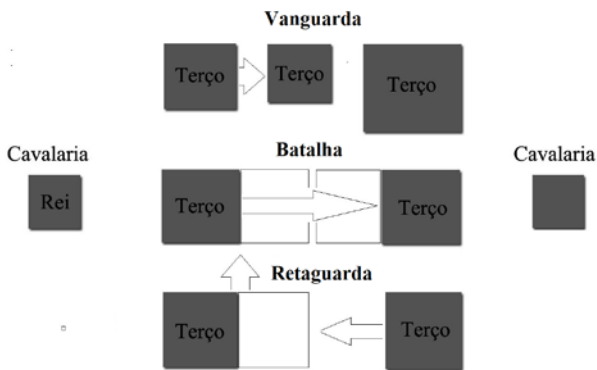


Figura 5.

Da ordem de marcha à formatura planeada

Cerca de 5.000 cavaleiros magrebinos aproximaram-se da retaguarda do exército onde, nesse dia, seguiam as tropas comandados pelo coronel Vasco da Silveira. Foi dada ordem para juntar os dois terços num único “*esquadrão*” de forma rectangular, cujos lados se protegeram com atiradores, reforçando ainda dois vértices deste polígono com dois canhões (“*esmerilhões*”). A cavalaria, comandada pelo rei, colocou-se na frente. Os restantes “*esquadrões*” terão mantido a posição que ocupavam no dispositivo de marcha.

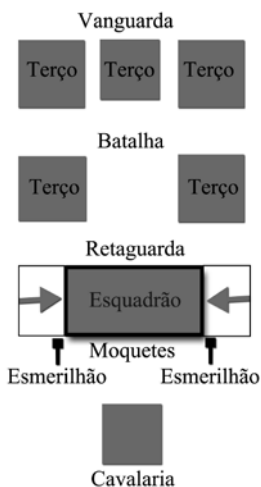


Figura 6.

Construção da formatura no dia 3 de Agosto

No dia da batalha, o exército combateu com uma formatura diferente do desenho planeado em Arzila. A primeira linha manteve a configuração de marcha, e apenas os aventureiros avançaram um pouco em relação aos companheiros: os espanhóis na esquerda (“*onde ameaçava o maior golpe de inimigos*”), e os alemães na direita (“*porque deste lado os assegurava o rio*”)<sup>16</sup>.

Os dois terços da 2ª linha, a cargo do coronel Vasco da Silveira juntaram-se, tal como no dia anterior, num “*esquadrão*” rectangular de acordo com o planeado. Na esquerda deste esquadrão “*de 20 bandeiras com quase cinco mil homens*”<sup>17</sup>, o espaço livre onde devia ficar outro esquadrão – construído com os dois “*terços*” da retaguarda – foi fechado com os cerca de 500 carros que transportavam a bagagem. Na retaguarda, os “*terços*” de Francisco de Távora e D. Miguel de Noronha mantiveram os seus lugares, protegidos com cerca de 300 atiradores apoiados por 2 ou 3 canhões. No essencial, o exército combateu organizado nas mesmas três linhas com que marchava.

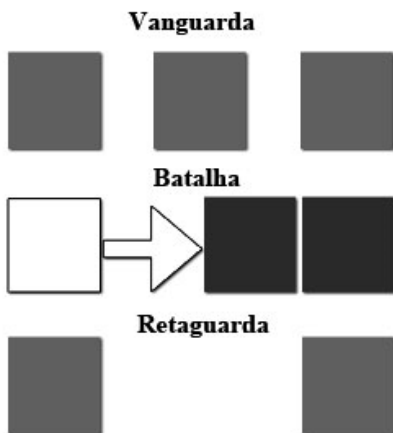


Figura 7.

Ordem de marcha à ordem de batalha definitiva

Um dos relatos presenciais da batalha dá-nos uma perspectiva de conjunto da formatura do exército no dia 4 de Agosto: O autor segue o ponto de vista de D. Sebastião quando se dirigiu para um coche que “*que*

<sup>16</sup> Relation de Luís de Oxeda, *Les Sources Inédites de l’Histoire du Maroc*, t.1, 1905, pp. 601.

<sup>17</sup> ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 195.

tinha mandado ir à sua ilharga ...”<sup>18</sup>, entre o “batalhão” da cavalaria (que ele próprio comandava) e os soldados espanhóis. Trata-se de um movimento dinâmico, com uma curiosa semelhança com a linguagem cinematográfica: o chamado “travelling lateral”, ou seja, um movimento horizontal, quando a câmara se desloca paralelamente ao objecto filmado.

A descrição começa na frente do exército, com o ponto de vista (figura 8, ①) centrado na “Vanguarda”: “continuou ao longo do terço dos castelhanos...”; o ponto de vista (figura 8, ②) desloca-se para a segunda linha, a “Batalha”, “... um pouco atrás onde ficava uma praça para os pagens e cavalos”; este espaço livre encontrava-se protegido, pelo exterior, com as “carretas com toda a bagagem dentro delas, de longo dos esquadrões pela mão esquerda”; por fim, chega-se à “Retaguarda” do exército (figura 8, ③), “... e o terço de Francisco de Távora...”<sup>19</sup>.

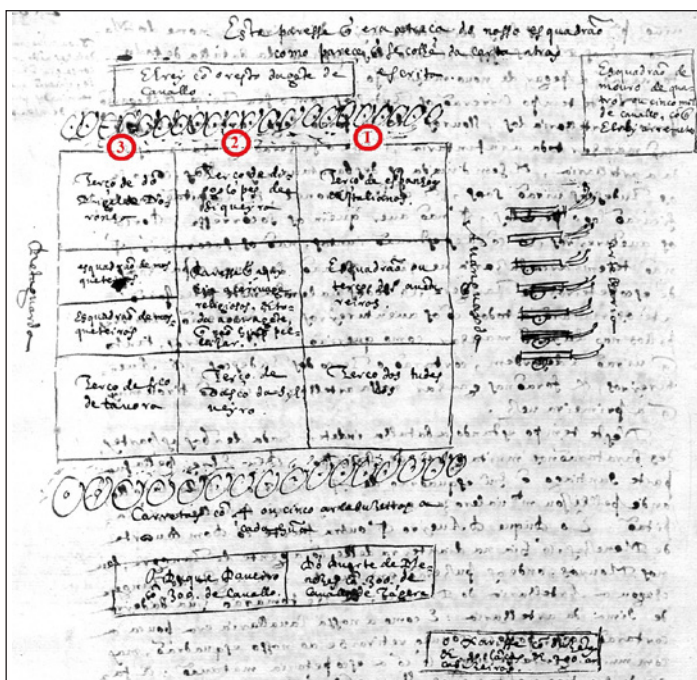


Figura 8.

Os três pontos de vista, assinalados no esboço do veterano português, c.1579, BN Portugal

18 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 187.  
 19 ANÓNIMO, *Crónica do Xarife...*, p. 195.

Continua muito para dizer (e escrever) sobre Alcácer Quibir. O leque de assuntos que envolve ainda carecem de aprofundamento e debate, como é o caso das movimentações diplomáticas que antecederam a campanha militar, ou o complexo processo de preparação da expedição. A perspectiva que se apresentou, um ponto de vista arquitectónico sobre a organização do campo de batalha, pretende demonstrar a potencialidade de um tema que continua tão apaixonante e polémico como desde o fatídico dia 4 de Agosto de 1578.

## Fuentes y Bibliografía

- ANÓNIMO, *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e D'El-Rei D. Sebastião*, Europress, Odivelas, 1987, p. 184.
- ANÓNIMO, *Jornada de África del Rey D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*, INCM, Lisboa, 2004.
- ARNHEIM, Rudolf, *A Dinâmica da Forma Arquitectónica*, Editorial Presença, Lisboa, 1988.
- BERTHIER, Pierre, *La Bataille de l'Oued el-Makhazen. Dite bataille des Trois Rois (4 Aout 1578)*, CNRS, Paris, 1985.
- BOVILL, E. W. *The Battle of Alcazar*, Batchword Press, London, 1952.
- COOK., Weston, J. R., *The Hundred Years War for Morocco. Gunpowder and the military Revolution in the Early Modern Muslim World*, Westviwe Press, Boulder, 1994.
- CONESTAGGIO, Jeronimo, *Dell'Unione del regno di Portogallo alla Corona de Castiglia*, Girolamo Bartoli, Genova, 1589.
- CRUZ, Fr. Bernardo da, *Chronica D'El Rei D. Sebastião*, Escriptorio, Lisboa, 1903.
- NEKROUF, Younès, *A Batalha dos Três Reis*, Inquérito, Mira-Sintra, 1988.
- SALAZAR, Diego de, *Tratado de Re Militari*, Ministerio de la Defensa, Madrid, 2000.
- SECO, Luís Álvaro, “Anotações ao quarto livro das instruções militares de Isidoro de Almeida”, *Separata do Boletim do Arquivo Histórico-Militar*, v.23, Arquivo Histórico Militar, Lisboa, 1952, pp. 205-229.
- SILVA, Juan da, *Carta de 27 de Julho 1578*, Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, tomo XL, Viuda de Calero, Madrid.

- Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, première série, archives et bibliothèques de France, t.1, Paris, 1905.
- SOUSA, Luís Costa e, *Alcácer Quibir 1578. Visão ou delírio de um rei?*, Tribuna, Lisboa, 2009.
- SOUSA, Luís Costa e, *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, IESM, Lisboa, 2015.
- SOUSA, Luís Costa e, “Revisitar a batalha de Alcácer Quibir”, *e-Strategica*, nº 1, 2017, pp. 111-159.
- VALDÉS, Francisco de, *Espejo y Disciplina Militar*, Ministerio de la Defensa, Madrid, 1989.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de, *Arte Militar*, Vicente Alvarez, Alenquer, 1612.
- VELOSO, Queirós, *D. Sebastião 1554-1578*, Imprensa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1945.

**Fecha de recepción:** 14-1-2018

**Fecha de aceptación:** 13-04-2018

